

O procedimento metódico marxista no campo das Ciências Sociais

Sandra Cordeiro Felismino¹

Nesta comunicação pretendemos discutir o significado do procedimento metódico marxista enquanto o modo de exposição das múltiplas determinações da realidade humano-social que não são apreendidas pelas investigações de cunho positivista e fenomenológico, pois estas não ultrapassam à imediatez dos processos sociais e das instituições, além de considerarem a objetividade dada como o fundamento ontológico do pensamento científico.

As teorizações que se restringem à esfera fenomênica estão longe de contribuir para a elucidação das contradições que se objetivam entre os interesses fundamentais da produção capitalista e a totalidade social. Isto porque, na imediatez sensível dos fenômenos, as múltiplas determinações ontológicas do real não são apreendidas em sua concreticidade - unidade contraditória de fenômeno e essência - são abstraídos apenas os aspectos que caracterizam as atividades dos indivíduos singulares em seu processo individual de produção das condições materiais e espirituais da vida de cada dia, desvinculadas das relações que determinam o processo de reprodução da sociedade e o antagonismo entre as classes sociais, o que constitui o cerne da pesquisa sob o marxismo.

Antes mesmo da apresentação das razões que justificam o porquê desta perspectiva, uma afirmação se faz necessária: o estatuto científico do procedimento metódico

1 Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará

marxiano, de exposição das determinações fundamentais do real, não se atesta a partir de um padrão gnosiológico, mas se assenta numa ontologia materialista para a qual os pressupostos de toda investigação concreta “são os indivíduos reais, sua ação, suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação”². Isto é, para tratar a complexa relação entre homem-mundo, ser-pensar, existência-ciência faz-se necessário situá-la no campo da atividade histórico-social dos homens; nos processos sociais de produção e reprodução da existência material e espiritual.

Lembremo-nos de que o que permitiu a Marx sobrepujar os seus predecessores da economia e da filosofia foi a primazia da ontologia materialista na sua análise, ou seja, o fato de ter partido, na sua investigação, da lei econômica do movimento da sociedade moderna, e não de condições abstratas, ideais, mas do ser social *precisamente-assim-existente*, de condições reais, isto é da prática social dos homens nas condições concretas da sociedade burguesa, para apreender as determinações fundamentais do ser em seu movimento contraditório.

Posto isto, seguem algumas indicações que configuram a base científica da investigação situada no campo marxista, para o qual a objetividade do pensamento teórico tem radicação ontológica. Uma pesquisa norteada pelo marxismo é capaz de expor os nexos fundamentais da realidade social e de dar conta da multiplicidade das determinações contraditórias que a constituem porque busca a explicitação e a compreensão dos fenômenos sociais em seu movimento contraditório de ser e aparecer e em sua relação com a totalidade histórico-social da qual faz parte. Nas palavras de José Paulo Netto, “A perspectiva teórico-metodológica instaurada pela obra marxiana - com seu cariz ontológico, sua radicalidade histórico-crítica e seus procedimentos categorial-articuladores - é aquela que permite, arrancando dos ‘fatos’ objetivados na empiria da vida social na ordem burguesa, determinar os processos que os engendram e as totalidades concretas que constituem e em que se movem”³.

O modo de ser da relação sujeito-objeto no processo de conhecimento é distintiva no marxismo e se opõe às visões unilaterais, quer materialistas quer idealistas. O sujeito cognoscente é referido não como um indivíduo abstrato, isolado, mas enquanto um conjunto de relações sociais, portanto uma subjetividade objetivada. E o obje-

2 Karl Marx, *A Ideologia Alemã*. São Paulo, Hucitec, 1986, p. 26.

3 J. P. Netto, *Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal*. São Paulo, Cortez, 1993, p.37.

to, por sua vez, não é tratado como pura exterioridade inerte, mas efetivamente como uma objetividade subjetivada. Estando o pensamento - o sujeito - condicionado socialmente e sendo a realidade social - o objeto - atravessada por interesses antagônicos de classes, não há como produzir conhecimentos que não expressem por afirmação ou negação o modo de ser das relações sociais estabelecidas.

O procedimento metódico marxista instaura uma nova concepção de método científico. Distingue-se radicalmente da concepção de método enquanto um conjunto de procedimentos ou passos aprioristicamente selecionados pelo investigador para buscar a confirmação ou negação das hipóteses que traz consigo. Para Marx há o método de investigação, a apropriação analítica do objeto e o método de exposição, a exposição das determinações fundamentais e das conexões do objeto singular com a totalidade social de que faz parte.

O pressuposto de objetividade para o marxismo não é lógico-subjetivista, uma emanção do sujeito, mas se situa na prática social dos homens. É na prática histórica que se comprova a verdade ou a falsidade do conhecimento.

A investigação no campo marxista é distintória por exigir do pensamento que busca apreender a gênese e o movimento dos fenômenos sociais - mediar com as categorias da contradição e da totalidade, imanentes à realidade social, posto que é da materialidade das formas de objetivação humana que devêm as mediações categoriais com as quais é possível apreender-se a realidade enquanto totalidade contraditória. As categorias exprimem formas de existência, não são meros construtos *a priori*, obra de um "logos desencarnado".

O conhecimento produzido à luz do marxismo carrega a potencialidade de não apenas desvelar o que o real é, mas também é portador da crítica social que aponta a superação das relações sociais capitalistas. Fora do campo marxista, as teorizações que têm predominado nas ciências sociais, à falta de uma investigação mais aprofundada das determinações concretas da realidade, acabam apresentando resultados ideais de natureza abstrata, irrealizáveis ou pelo menos parcial e restritamente realizáveis. Já os procedimentos teórico-metodológicos baseados no marxismo vão em sentido inverso dessa epistemologia, buscando destruir a aparência de casualidade de que se revestem os fenômenos econômico-sociais e produzir conhecimentos com a explícita função histórica de nortear as ações práticas de transformação da sociedade capitalista.

Chamamos a atenção para o fato de que as interpretações que aceitam a faticidade imediata da realidade social como um dado, são incapazes de apreender os nexos

causais, a gênese e o movimento do real. Ressaltemos que não estamos atribuindo ao mundo fenomênico um estatuto de incognoscibilidade ou destituindo-o do estatuto de ser; apenas enfatizando que o processo de apropriação e exposição do real requer um movimento teórico-prático cujo ponto de partida são os fenômenos que povoam o ambiente cotidiano, e que não se produz conceito, portanto teoria, a partir de impressões sensíveis.

As representações hipostasiam a essência da aparência, pretendendo intuir diretamente os fenômenos e concedendo a este nível, a radicação da verdade. Essa é a visão do senso comum da academia, que por razões que não traduzem só ingenuidade, mas também interesses, se atém aos fenômenos micro-sociais, desvinculando-os da totalidade social. Assim podem também ser consideradas as posturas positivistas em todos os seus matizes.

Quanto mais presas às manifestações puramente exteriores, mais contingenciais se tornam as teorizações. A existência cotidiana dos homens legitima a percepção da realidade em sua “objetividade cósmica primária”, assim as dimensões do real permanecem vividas e expressadas na parcialidade, destituídas da processualidade histórica das relações sociais. Abandona-se, em nome das atuais exigências de uma nova explicação dos acontecimentos sociais a categoria da totalidade – supostamente não mais apreensível – e o diretamente observável é reconhecido como instância de máxima prioridade ontológica nas investigações.

Restringindo-se à objetividade imediata, a pesquisa se encontra refém das determinações mais abstratas e simples dos fenômenos em estudo, sem referência à totalidade concreta. Lidam com a objetividade fetichizada e não com a objetividade enquanto tal. E não seria outro o reflexo na consciência teórica senão o conhecimento expungido das conexões ontológicas fundamentais. Trata-se de um conhecimento parcial que alcança dimensões do real, fatos isolados ou até as interações recíprocas entre os fatos, porém não elucida as conexões ontológicas que determinam o modo de ser e aparecer da realidade social.

Enquanto o marxismo, levado à máxima radicalidade teórico-prática, significando no campo do conhecimento a terrenalidade absoluta do conhecimento, isto é, o modo de pensar que opera com a contraditória relação entre fenômeno e essência, supera a tradição científica empíreo-positivista e o ontologismo contemporâneo desenvolvidos no seio da hegemonia cientificista burguesa.

Para finalizar, diríamos que para o trabalho teórico de desvelamento das determinações concretas do objeto de investigação, no âmbito das ciências sociais, o



escavar e rastrear as articulações próprias desse objeto, delimitando-as a partir de critérios qualitativos, isto é, dos graus de determinação, não serve a via de reflexão puramente gnosiológico-metafísica, nem tamponho a trilha de um sendero empírico. O caminho de que se trata é conhecido há mais de cento e cinquenta anos. Trata-se do método que conduz das determinações mais simples que a análise precedente alcançou até a reprodução do concreto no pensamento, enquanto síntese de múltiplas determinações.

